

## FRAGMENTOS DE ESPIRITUALIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA (IV)

O tempo litúrgico da quaresma dá lugar à Semana Santa. Celebra-se a passagem da escravidão para a liberdade, das trevas para a luz, da morte para a vida. Mas a pandemia Covid-19 ainda paira como uma nuvem de chumbo sobre boa parte do planeta. O furor letal do vírus varre vilas, cidades e países inteiros. Fantasmas sinistros e invisíveis parecem habitar as ruas e praças desertas, ao passo que os vivos, em quarentena compulsória, se acotovelam como prisioneiros em suas próprias casas. As autoridades sanitárias alertam para o colapso iminente da rede hospitalar e seus equipamentos indispensáveis. O combate envolve todo o exército disponível de médicos, enfermeiras, assistentes e outros. Não poucos desses profissionais da saúde, também eles contaminados, têm que abandonar a frente de combate.

Na esteira da pandemia, os índices econômicos sofrem pesadas baixas. E o sofrimento recai primeiramente, e com maior gravidade, sobre os extratos mais vulnerabilizados da população. No rastro macabro da pandemia vai se multiplicando, às dezenas e centenas de milhares, o número de infectados e mortos. Separações inesperadas se abatem sobre as famílias. A dor dilacera e elas choram seus entes queridos, em muitos casos não contando sequer com o consolo de acompanhá-los até o cemitério. Nesse quadro desolador, somos convidados a celebrar a Semana Santa com três olhares marcados pela fé e pela esperança: a) um olhar para a cruz; b) um olhar para o sepultamento; e c) um olhar para o túmulo vazio.

*Um olhar para a cruz.* Olhar a cruz é contemplar a face desfigurada do Crucificado. Nela se reflete a luminosidade do amor em seu grau mais elevado. Contra a violência humana mais cruel e gratuita, contrapõe-se a também gratuita e suprema bondade divina. Momento único e colossal na história da humanidade. Aos açoites, às calúnias, às difamações, ao abandono, aos pregos e à dor atroz da morte em cruz – reservada aos piores criminosos – Jesus responde com o perdão e ainda procura justificá-lo pela ignorância e agressividade dos torturadores: “Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem”. Encontro sem igual, sublime e sem paralelo. A graça vence o pecado, no processo da vitória da vida sobre a morte.

A vingança do homem-Deus, no mais vil e dolorido dos sofrimentos, é o perdão para seus algozes! Na cruz, verifica-se o mais extraordinário contraste: o encontro/desencontro tremendo e incomparável entre a extrema maldade dos seres humanos, de um lado e, de outro, a infinita misericórdia do Pai. Semelhante contraste do encontro/desencontro reflete tamanha grandeza e profundidade que, a exemplo do choque elétrico de negativo com positivo, uma faísca brilha de forma, ao mesmo tempo, silenciosa e estridente. Acende-se uma luz nova e intensa. Seu brilho rasga o céu como um relâmpago e ilumina para sempre toda a face da terra. Fugaz como o raio e simultaneamente fecundo com a chuva sobre a terra ressequida. Gesto inusitado e luminoso que antecipa e anuncia a glória da ressurreição.

Mas olhar a cruz é também contemplar, junto com o Crucificado, a face igualmente desfigurada dos crucificados pela pandemia Covid-19. São hoje centenas de milhares, milhões se levarmos em conta a dor dos familiares, parentes e amigos. Dor que varre a terra como a sombra do vírus, atingido pessoas, lares e relações. A face desfigurada dos crucificados amplia-se quando os dados, os fatos e as pesquisas indicam os que se encontram mais vulnerabilizados, tendo sua vida mais ameaçada. Os números sinistros alertam sobretudo para os “soldados do grande exército” representado por todos os profissionais do sistema de saúde. Medo, pânico e terror se espalham com a velocidade do contágio. A incerteza do fim do túnel aumenta a ansiedade.

Olhar a cruz, a face do Crucificado e o rosto de todos os crucificados – com os olhos da fé e da esperança – é dar-se conta que, por mais paradoxal que possa parecer, a mesma luz que se acendeu no alto da cruz ilumina o rastro devastador da pandemia. A crise e o sofrimento, na história pessoal ou coletiva, por mais que sejam mensageiros de tragédias, ajudam a depurar, a purificar, a tornar mais sóbrios e essenciais os valores culturais e humanos. Nossas atitudes nos momentos de cruz, nas situações-limites da vida, podem iluminar o processo de superação da

morte. Neste sentido, não seria exagero afirmar que o momento crucial da revelação salvífica está muito mais no alto da cruz do que na própria ressurreição. A clamorosa luminosidade que se revela a partir do encontro/desencontro entre a violência humana e o perdão divino tornar-se-á um farol para toda a trajetória do cristianismo. Tanto maior é o sofrimento de hoje, tanto mais sólida será a esperança num amanhã recriado.

*Olhar o sepultamento.* Jesus é retirado da cruz e sepultado. Principais protagonistas aqui são um grupo de mulheres, junto com José de Arimateia. Por que o extremo cuidado das mulheres com o corpo do falecido? Por que o cuidado dos familiares, amigos e parentes com o corpo dos falecidos pela pandemia, apesar das restrições para velórios e funerais? A resposta é a superação pela fé e pelo amor. Aquela faísca da cruz, a luminosidade fantástica daquele relâmpago é como uma semente. A superação da violência com o gesto de perdão constitui uma luz tão viva que não pode morrer. Da mesma forma, a relação dos que ficaram com os que partiram, vitimados pelo coronavírus, contém tanta intimidade e tantos segredos que não pode morrer. Em ambos os casos, os corpos que descem à sepultura de forma tão trágica são como sementes que haverão de brotar. Essa é a intuição das mulheres ao sepultarem o corpo do Mestre. Usam óleos caros, panos de linho puro e todo o cuidado porque esse corpo não pode permanecer nas profundezas da terra. Desce ao abismo dos infernos para subir aos céus. A exemplo de toda semente, busca a terra úmida, escura e fria, para depois erguer-se ao azul do firmamento. Cresce para baixo no sentido de, com vigor redobrado, crescer para o ar livre. E produzir tronco, ramos, folhas, flores e frutos. É como se, pela luz do madeiro, Jesus tivesse ressuscitado antes mesmo de morrer!

Também neste caso, não seria exagero afirmar que o corpo do homem de Nazaré não será propriamente sepultado, mas semeado. Deve levantar-se do chão com o potencial invisível de toda semente. Como a flor, a espiga e o edifício – sua memória viva tem raízes no chão, mas tem simultaneamente as asas da brisa suave e confortadora. Somente assim os ventos da violência e da fúria histórica nada poderão contra sua obra de salvação. Em outras palavras, e agora concentrando-nos estragos desoladores da pandemia, tanta morte e tanto sofrimento sobre a face da terra, não podem ser em vão. Navegar com a bússola da fé e da esperança, apesar da fragilidade de nossa embarcação comum, e num momento que nos dilacera a todos, é a melhor forma de manter viva e ativa a utopia do Reino.

*Olhar o túmulo vazio.* Na madrugada do terceiro dia, dizem os quatro relatos evangélicos, vozes estranhas começaram a circular. Primeiro de algumas mulheres, depois de alguns apóstolos, e por fim do grupo de apóstolos como um todo. A novidade é inusitada: o túmulo está vazio! Terão os soldados escondido o corpo de seus seguidores? Ou alguém o terá roubado? Por que o teriam levado? Ele próprio, o Crucificado-Ressuscitado, ainda segundo os mesmos relatos, acaba aparecendo aos seus amigos mais íntimos – no caminho, à beira mar, no lugar onde estavam fechados por medo das autoridades.

Então as pequenas luzes de sua pregação, juntamente com a sublime e espantosa luz do ato da crucifixão e morte começaram a brilhar retrospectivamente. Iluminam suas mentes, aquecem seus corações e conferem novo significado às suas almas atormentadas. Palavras, gestos, fatos, milagres, encontros, parábolas e discursos do homem de Nazaré – antes obscuros, envoltos em névoa e misteriosos – passam a ganhar um novo e mais profundo sentido. Os seguidores tratam de ressignificar tudo aquilo que Ele tinha feito e ensinado. E passam também a reunir-se em pequenos grupos, nas casas dos primeiros convertidos, para relembrar sua memória do Mestre e nutrir-se de sua presença viva e eucarística.

Nascem as primeiras comunidades cristãs. Os discípulos se convertem em missionários (para usar a terminologia do Doc. De Aparecida). Surgem as cartas neo-testamentárias, além dos Atos dos Apóstolos e do Apocalipse. A teologia, a eclesiologia e a evangelização ganham terreno e a Igreja mantém-se firme com os pés no chão e “os olhos fixos em Jesus”

*Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs, vice-presidente do SPM, 4 de abril de 2020*